

Ronaldo Luís Goulart Campello; Mestrando em Educação e Tecnologia MPET IFSUL Pelotas RS. Graduando em Licenciatura em Geografia UFPel Pelotas RS. Pós-graduado em Educação: Formação de Professores IFSUL Campus Pelotas RS. ronaldolucascampello@hotmail.com

Cynthia Farina; Doutora em Educação pela Universidade de Barcelona, coordenadora do GP Educação e Contemporaneidade: Experimentações com Arte e Filosofia (EXPERIMENTA); professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense - IFSul. cynthiafarina@pelotas.ifsul.edu.br

As cartas que escrevo...

The letters I write...

Resumo: Este trabalho debruça-se sobre uma prática de escrita muito antiga. Uma escrita silenciosa e muda, particular e pessoal onde cada um imprime seus gestos, e faz a escrita de si. Jazemos na era da informação. O projeto de extensão: 'As cartas que escrevo: Correspondências físicas na era digital: uma metodologia interdisciplinar de ensino e aprendizagem', ganha força e estende-se a 2015, agora como projeto de pesquisa. Surge latente à demanda de pesquisar os atravessamentos produzidos no docente e seus discentes envolvidos, a partir desta prática de ensino. Desta proposta de trabalho surge o método cartográfico de pesquisa. O trabalho tem como campo de investigação a escrita de cartas pessoais de estudantes de um quinto ano do ensino fundamental de uma Esc. Téc. Estadual.

Palavras-chave: Escritas pessoais. Cartografia. Prática de ensino.

Abstract: This work is about a very old writing practice. A silent and silent, private and personal writing where each one imprints his gestures, and does the writing of himself. We are in the information age. The extension project: 'The letters I write. Physical correspondences in the digital age an interdisciplinary methodology of teaching and learning', gains strength and extends to 2015, now as a research project. It arises latent to the demand to research the crossings produced in the teacher and its students involved, from this teaching practice. From this work proposal comes the cartographic method of research. The work has as research field the writing of personal letters of students of a fifth year of elementary school of a State Technical School.

Keywords: Personal writings. Cartography. Teaching practice.

INTRODUÇÃO

Este trabalho debruça-se sobre uma prática de escrita muito antiga, que nos dias atuais é percebida com muito saudosismo. Pouco experimentada nesta geração das janelas, das imagens rápidas e cliques alucinados. Uma prática. Uma escrita que sai do recôndito particular e privada. Uma escrita silenciosa e muda, que é tão particular. Tão pessoal onde cada um imprime seus gestos, suas marcas, e faz a escrita de si. Um fazer autobiográfico que deixa prenhe

o papel, o envelope, o ambiente, com sua caligrafia, com o ar de seus pulmões, com os pensamentos que lhe cercam. Suas impressões que ardem em seu peito. Subjetivas impressões que choram. Bravejam. Gorjeiam e murmuram. Esquivam-se pelas linhas da folha que demarcam espaços, por entre verbos e conjunções. Linhas. Fronteiras abissais que se rompem e que são atravessadas...

Importantíssimo meio de comunicação e interlocução que perde sua força de potência em pouco de mais três décadas, em virtude da grande expansão/evolução das tecnologias de informação/comunicação que hoje oxigena seus pulmões na rede WEB. Constituindo-se assim na invenção e incremento de inúmeros modos de emissão e exibição de informações, que ganha força nas vantagens práticas do envio de textos, através dos correios eletrônicos onde se pode anexar arquivos e também colocar imagens; dados. E, faz com que este, seja sinônimo de benefícios quando utilizado, tanto por pessoas físicas quanto por empresas público-privada, entre outras.

O clique. Uma. Duas. Três vezes, e assim sucessivamente. Uma. Duas. Três ou mais horas sob a luz intensa do monitor. Frenética ou calmamente. Algo quase que instantâneo. Temos em nossa frente o simples comando 'enviar', 'minimizar', 'fechar'. 'Salvar'. 'Não salvar'. 'Cancelar'. Janela a janela. Mundos se fecham, portas se abrem. Possibilidades surgem. Textos se vão, se esvaem. Navegam na rede, no emaranhado de outros tantos. Surfam na onda, que se avoluma a cada instante. Tsunami de informações. "Esta é a era da informação. A época das opiniões sobre tudo. Mesmo que sejam vazias. Esta é a época em que todos opinam sobre tudo" (LARROSA 2002). Futebol. Política. Religião. Sexo. Violência, e... e... Existe um oceano de possibilidades entre esta "conjunção que possibilita se propagar entre, por dentro, recostando-se nas laterais, rasgando-se por meio dos verbos e atravessando-os ao meio. Formando rizomas" (DELEUZE, 1995). Quase que no mesmo instante, em que remetemos/derramamos um texto, seja ele ínfimo ou bem consistente, embasado ou não. Sólido em seus conceitos, ou em vias de chocar-se contra as

paredes da academia, ou outrem, e ser refutado pela má compreensão dos conceitos, das ideais, não importa. Seja via e-mail, e/ou sites sociais (facebook, blogs, whatsapp, etc.) este texto se comunica com seu receptor intencional ou não, quase que instantaneamente.

Dependendo do veículo que é utilizado às respostas são imediatas. Facilidades. Benefícios. Vantagens. Ou não... Disseminando-se como vermes num corpo que apodrece. Não se sabe onde tem o início. O meio, ou o fim. Todos surgem em uma grande confusão. Mas estão ali, reconstituindo a matéria. Produzindo algo novo, a partir de algo que já foi. Existiu. O nada que surge carregado de lembranças de algo que durou.

Jazemos na era da informação. “A informação não deixa lugar para a experiência, a informação não faz outra coisa que não cancelar nossas possibilidades de experiência” (LARROSA, 2002, p. 24). A experiência é a forma como o conhecimento se dilui e transforma o homem e as sociedades. É, a partir da experiência, seja ela individual e/ou coletiva que somos atravessados. Contextualizados com aquilo que se apreende. Com aqueles com os quais nos relacionamos e convivemos. “O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2002, p. 21).

A escrita deste texto se constitui, a partir do método cartográfico de pesquisa para abordar uma experiência interdisciplinar com estudantes de um quinto ano do ensino fundamental de uma escola técnica estadual no bairro Fragata, no município de Pelotas RS, que se utilizou do exercício da confecção de cartas manuscritas para conhecer outros estudantes. Trocar desta forma experiências. Fazer novas amizades. Descobrir outros horizontes. A partir de um modo de escrita autobiográfica, onde o falar de si é o insumo essencial.

A leitura de si oriunda das correspondências pessoais pode ser tão transgressiva quanto aquela que visa transpor o limite da linguagem,

pois, nesse caso específico, trata-se de reinventar a si mesmo na e pela escrita cotidiana. Em outras palavras, na literatura de si das cartas pessoais é possível transpor o limite do que somos no espaço do ‘entre’, ou seja, do espaço intersubjetivo da troca epistolar e da amizade. (IONTA, 2011, p. 83).

Provocando desta forma, propondo uma forma de escrita menor, transgressiva. A literatura menor é um conceito estético criado por Deleuze e Guattari, onde: “o ‘menor’ já não qualifica certas literaturas, mas as condições revolucionárias de qualquer literatura no seio daquela a que se chama grande (ou estabelecida)” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 39). É fundamental ter em harmonia a ciência e teoria. Ambos aliados a prática possibilitando a constituição de um saber abrangente e compreensivo do sujeito que se estabelece com os seus, no seio no qual está inserido. E que melhor ambiente para falar de educação do que o escolar. Que melhor situação do que a de um professor-pesquisador, observando, analisando, descrevendo, cartografando...

DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO

Escrever parece simples. Mas não é. Ao menos para mim. É um esforço colossal. O corpo entregue as palmas das mãos. Entregue ao vazio. Entregue ao todo. Ao caos de ideias e pensamentos que insurgem e querem fluir. Querem existir, a partir dos símbolos gráficos. Dos signos e seus significados. O ato de escrever é como um conjunto de vontades intensas, que internamente se manifestam. Fazem arder o peito, os músculos. A paciência se esgota. Vontades que se erguem a partir de um processo mecânico/corporal que se mostra na carne. Desconstrução que ocorre de maneira bem singular. A partir deste processo revelam-se pistas, rastros pelos quais há a possibilidade de se esgueirar. Se dobrar. Ir à margem. Ao lado esquerdo. Sendo sutil quando se pode ser.

A escrita revela inquietações. Assusta. Inquieta. A escrita tece traços particulares que encarna outros sujeitos. Outros que perpassam e que de forma intensa se produzem em seus textos. Deslizar o verbo nas linhas abissais de uma folha satisfaz angustias, fortalece os músculos do pensar. Rompem-se limites ad infinitum.

Há muita experimentação em escrever, há atravessamentos. Deleuze (1997) “Agenciamentos e desejos que se produzem por meio de encontros e tais encontros, quando deslocados para pensar a escrita, possam acontecer também por meio do preparar-se para o ato”. Há de se levar em conta o desejo durante a preparação, a escolha dos recursos que serão utilizados. No método que será empregado, no modo como será apreendida, sentida esta escrita. Tais agenciamentos se enunciam, e se produzem anteriormente, em um ciclo. Um dobrar-se. Uma serpente que se alimenta de si mesma, eternamente, nascimento e morte e vice versa em um ciclo interminável. Oroboró. Um dobrar-se. Um conhecer-se a si mesmo. Nosce te ipsum. Entretanto no fim de tudo, o que se espera é que o texto alcance algo/alguém.

Que se faça sentir, talvez seja a parte mais complicada do procedimento. Conjurar sílabas. Vogais e consoantes, pontos e vírgulas, traços e travessões, exclamações e interrogações, elementos matrimonialmente ajustados ao verbo permitindo fluidez, as conjunções conectando orações. Os artigos definindo ou não, os substantivos. Pares em um sistema alfabético/gramatical. Digladiam com suas ideais. Com seu estado de espírito, com seu ato, sua vontade. Algumas vezes dóceis. Agressivos na maior parte das vezes. É por este motivo que este projeto surge em fins de 2013. Problemas com a escrita e leitura de discentes de um quinto ano do ensino fundamental dão o sinal de alerta para um problema que parece ser pontual. Sempre se mostrando latente no primeiro semestre de cada ano letivo.

No ano de 2014, efetivamente se realiza o projeto de extensão: ‘As cartas que escrevo. Correspondências físicas na era digital uma metodolo-

gia interdisciplinar de ensino e aprendizagem’, na referida escola do bairro Fragata, e tal projeto ganha

força e se estende a 2015, agora como projeto de pesquisa. À questão de pesquisa que se apresenta são os atravessamentos que foram produzidos no docente e discentes envolvidos, a partir desta proposta de prática de escrita/ensino. As questões que envolvem a preocupação inicial de escrita e leitura, no descerrar das atividades do projeto, são amenizadas a partir da prática docente, onde os conteúdos programáticos de ensino de quinto ano, são contemplados na escrita dos textos propostos.

Este projeto no ano de 2014 proporcionou a troca de cartas pessoais entre alunos das cidades de Pelotas RS x Curitiba PR, Pelotas RS x Capão do Leão RS, Pelotas RS x Medellín (Colômbia). No ano de 2015 as trocas ocorrem entre alunos das cidades de Pelotas RS x Piratini RS. Também foram escritas cartas a estudantes na cidade de Luanda na África, ainda sem retorno. Ainda surgem escritas de três professoras. Duas não têm alunos escreventes no projeto, mas, resolveram participar deste trabalho. Há um sentimento saudosista, por acreditarem que esta é uma forma de entrega de si. Um entregar-se ao outro. Falar de si, suas experiências, suas praticas, um simples ‘olá’...

METODOLOGIA

Corazza (2002, p.124) nos diz que: “uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar, uma forma de interrogar, de suscitar acontecimentos, de exercitar a capacidade de resistência e de submissão ao controle; uma maneira de fazer amigas/os e cultivar inimigas/os”. Pensando na fala desta autora, foi preciso antes de tudo, antes dos alunos terem os primeiros contatos com a escrita de cartas contextualizarem o gênero ‘cartas’, que surge dentro dos conteúdos programáticos do quinto ano do ensino fundamental, e as formas como este gênero se apresenta em nosso dia a dia. Outros gêneros textuais foram também apresentados,

e trabalhou-se com atividades que os envolvia.

A interpretação de diversos tipos textuais de cartas surgiu com potência: bilhete, cartas pessoais, cartas comerciais, cartas ao leitor (apresentadas em seções de revista), etc. fez-se necessário o entendimento dos mesmos. Desta forma, instigando, provocando os estudantes...

Nas primeiras escritas dos estudantes, eles escreveram livremente a seus colegas escreventes das outras instituições de ensino. Todos estes estudantes se apresentaram uns aos outros. Após as apresentações iniciais que se promoveram por duas ou três cartas, surgiram diálogos frágeis, sem conteúdos substanciais para análise, entre os envolvidos. Eram perguntas tais como:

‘O que você gosta de assistir na TV?’ ‘Qual sua cor preferia?’

‘Como é sua cidade? A minha é grande?...’

Desta forma foi preciso promover atividades que fizessem com que os alunos atentassem para questões mais ‘pessoais’, mais ‘tentadoras’... Buscando assim, tentar construir ao longo do trabalho um campo dialógico mais informal entre os mesmos, provocando diálogos que trouxessem algo mais sobre os mesmos. As conversas foram sendo direcionadas a temas que pudessem ser dialogados em sala de aula e socializados pelos grupos, procurando descobrir afinidades, particularidades entre os mesmos. Em uma tentativa de poder explorar e conhecer ainda mais aquele estudante, fora dos parâmetros tradicionais professor/aluno. Tentar de alguma forma saber mais sobre...

Neste sentido e por tal motivo, a intenção, a vontade é, de poder ‘tocar’, aproximar-se mais da realidade destes estudantes e tentar de alguma forma, sanar dificuldades de aprendizagem. Produzir atravessamentos mesmo que subjetivos que alcancem seus fins até mesmo em outra época de desenvolvimento destes estudantes. Nos dias de hoje a sua escrita é a de um projeto que estão participando tenta resgatar neles, autoestima, valorização de si, tenta instigar nos mesmos o conhecimento de um modo

onde ele seja o construtor efetivo deste conhecimento. Talvez não se deem conta deste potencial, hoje, em virtude de sua maturidade intelectual, mas em outro momento quem sabe possam refletir sobre processo no qual foram escreventes.

A partir desta proposta de trabalho surge o método cartográfico de pesquisa, aonde interessa mais o processo do que os resultados, os movimentos que se pensou/pensam, na construção dos campos de estudo. As linhas de fuga que irrompem a todo instante a pesquisa deixando pistas de possíveis abordagens que se podem ou não seguir. “A Cartografia como estratégia metodológica insurge justamente da necessidade de métodos que não apresentem somente os resultados finais da pesquisa desconsiderando os processos pelos quais a mesma passou até chegar à sua instância final” Oliveira et al (2014, p.191). A partir do método cartográfico de pesquisa surge a possibilidade de que “os instrumentos sejam forjados, resituando-os sempre a partir do plano de relações que produz a pesquisa a partir de si mesmos” Cesar et al (2013, p.359). A partir, das possibilidades que surgem para mudar ou não os cursos já pré-estabelecidos.

Uma questão que surgiu forte durante a realização das atividades era a seguinte: ‘O que os movia a escrever?’

Era o desejo do professor-pesquisador - com seu projeto -, ou existiam neles vontades, curiosidades, desejos? ‘

E quais eram estes desejos, vontades, curiosidades?’ Esta foi uma, dentre outras questões que se mostram potentes ao longo do percurso desta pesquisa.

É aqui que possibilito transformar-me e transformar estes estudantes. Ao sair do quadro de giz, das práticas tradicionais de ensino-aprendizagem, inovo. Ao trazer a possibilidade de escrita de modo efetivo, a leitura de textos ‘reais’ a este grupo de estudantes, escritos por pares, com os mesmos erros com os quais eles estão acostumados a produzir os seus textos, com as mesmas dificuldades de interpretação que eles têm ao le-

rem. Possibilito-lhes um encontro consigo mesmo. Crio linhas de fuga em seu modo cotidiano de aprender. Possibilito uma escrita real de si e para si. “Inovar é ‘transformar a própria prática’ e relembramos que a fonte da inovação endógena é a prática reflexiva” (PEREIRA et al, 2012, p. 963).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do processo de confecção deste trabalho, que ainda esta se desenvolvendo e tem como campo de investigação a escrita de cartas pessoais de um grupo de estudantes, têm-se como foco principal de análise os dados coletados no percurso de desenvolvimento do mesmo, que se constituirá, a partir da escrita das cartas, a escrita de textos que surgem com questionamentos pontuais sobre uma fala de si. Análise de fotos que foram/serão feitas, conversas/diálogos em um grupo focal com os estudantes, e os outros professores participantes. Análise bibliográfica de autores que corroborem com a proposta de investigação sugerida. Apreciação de algumas atividades produzidas em sala de aula.

E, a partir de observações a posteriori e conversas com este(s) grupo(s) para poder entender aspectos particulares que a escrita esta produzindo/produziu nestes escreventes. Peculiaridades e especificidades dos mesmos que comungam e situam-se em paralelo em momentos distintos quando estes são estudantes de um quinto ano, por exemplo, e quando estes mesmos escreventes apontam para direções distintas quanto às singularidades que existem em virtude dos territórios que habitam. Conhecer de forma substancial suas vivências e as formas como se representam.

No decorrer desta escrita às ideias vão surgindo e algumas são acrescentadas, outras não. As leituras de outros textos que comungam no mesmo pensamento, contribuem com os escritos já feitos. Alguns excertos dos quais na cartografia brotam/surgem como um estilo na configuração do trajeto da pesquisa, e que implicam profundamente nas ações no ato de produzir, de entender as amarrações das redes, teias, rizomas, do possi-

bilizar acompanhar o cortejo, as festividades fúnebres. Das oscilações e da construção dos campos conceituais, por exemplo, dos mapas. Que aqui são as cartas. Platôs. O território por onde transitamos. O chão no qual estamos afundando. Cartas epistolares como produto prática educativa de/ no ensino aprendizagem de um corpo discente.

REFERÊNCIAS

CÉSAR, Janaína Mariano. SILVA, Fabio Herbert da. BICALHA, Pedro Paulo Gastalho de. **O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica**. Fractal, Ver. Psicol. v. 25 – n.2, p.357-372, Maio/ago. 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922013000200009&script=sci_arttext > acessado em 17 mai. 2015.

CORAZZA, Sandra. **Labirinto da pesquisa, diante dos ferrolhos**. In: COSTA, Marisa (Org.) Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (p. 105-131)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, v.1**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____, Gilles, 1925 -1995 Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 5 / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. — São Paulo: Ed. 34, 1997.

IONTA, Mariza. **A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade**. Rev. Estud. Fem. vol.19 nº.1 Florianópolis:Jan./Abr. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100007 > acessado em 19/06/15.

LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002, N° 19. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> > acessado em 15 mai. 2015.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. MOSSI, Cristian Poletti. **Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação.** Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 19, n. 3, p. 185-198, set./dez. 2014. Disponível em: < http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:lasUx7rl6u0J:www.ucs.br/e_tc/revistas/index.php/conjectura/article/download/2156/1731+&cd=1&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br > acessado em 22 jun. 2015.

PEREIRA, Wilza Rocha. RIBEIRO, Mara Regina Rosa. SANTOS, Neuci Cunha dos. DEPES, Valeria Binato Santilli. **Práticas pedagógicas, processos de subjetivação e desejo de aprender na perspectiva institucionalista.** Acta Paul Enferm. 2012; 25(6):962-8. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ape/v25n6/v25n6a21.pdf> > acessado em 06/09/15.